

política

Maristela tem como foco a geração de empregos no RS

Candidata do PSC pretende levar ao Senado experiência como empresária

/ ELEIÇÕES 2022

Caren Mello
caren@jcrs.com.br

A candidata Maristela Zanotto, participa da política desde 1981, quando fez parte de um processo de reestruturação do PTB no Estado, integrando diretórios municipais e o estadual. Nesta eleição, decidiu deixar os bastidores ao ser convidada a disputar uma cadeira no Senado, desta vez pelo PSC.

Natural de Paraí e morando há 18 anos em Caçapava do Sul, foi vendedora ambulante antes chegar a empresária calçadista. Sua proximidade com Roberto Argenta, da mesma área, valeu o convite para mudar de sigla e estarem juntos na disputa às majoritárias no Estado.

É do que aprendeu como gestora que ela pretende extrair o modelo para sua atuação em Brasília, assim como a formação adquirida em um convento de Caxias do Sul. Estas experiências e suas propostas para o Senado, foram relatadas nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, em uma de suas passagens por Porto Alegre durante os compromissos de campanha.

Jornal do Comércio - Como foi seu ingresso na política?

Maristela Zanotto - Nos bastidores, em 1981, quando o (ex-senador Sérgio) Zambiasi iniciou um resgate do PTB gaúcho. Fui uma das primeiras mulheres a fazer parte do diretório estadual e do municipal, em Veranópolis. Por mais que eu tivesse sido questionada na época para concorrer, não me sentia preparada. E, nesse tempo, quis conquistar minha carreira profissional, por ter vindo de uma família muito humilde. Sou fruto de um convento.

JC - A senhora foi interna em

um convento?

Maristela - Dos 10 aos 18 anos, em Caxias do Sul. Depois saí, casei, tive minhas duas filhas. Eu me preparava para ser freira. Ali, temos um propósito muito voltado ao coletivo, ao macro, à sociedade. Quando casei e tive minhas filhas, entendi que tinha que ser alguém profissionalmente. Por necessidade, iniciei como sacoleira. Até hoje, sou conhecida lá como “a Maristela do minishopping”. Criei o grupo Brisa Calçados, em Caxias. Cheguei em Caçapava, fui para carreira solo, hoje com lojas em quatro cidades. Muito me orgulha minha trajetória. Não me vitimizei, escolhi enfrentar esses desafios. Tinha reservas espirituais em função do convento.

JC - Como se deu a migração para o PSC?

Maristela - Como sou do ramo calçadista, conheço o (empresário e candidato ao governo Roberto) Argenta (PSC) há mais de 20 anos. Em uma conversa, disse: “seu Roberto, o senhor é um grande gestor, por que não se candidata ao governo do Estado?”. Ele me disse que sentia à vontade em devolver aos gaúchos aquilo que recebeu. Como foi provocado, se viu na obrigação de me carregar junto. No primeiro momento, fui impactada, não esperava uma esfera tão alta. Mas somos movidos a desafios.

JC - Outro incentivo está sendo o do ex-senador Pedro Simon, que fez um movimento divergente, fora da aliança com o MDB, em direção ao seu nome. Como foi essa aproximação?

Maristela - Por ter passado esse tempo no convento, querendo ou não, despertamos uma espiritualidade, essa maturidade pautada em valores que, talvez, sejam os valores do nosso querido Simon. Já conhecia ele por coligações do PTB, na prefeitura em Veranópolis. Sempre tive muito carinho. Talvez sejam os milagres da vida, a voz do nosso coração. Quando vejo Simon se referir a mim com tanto carinho, me dá convicção que vale a pena a gente acreditar, mesmo enfrentando nomes muito fortes.

JC - Como a senhora avalia



Concorrendo pelo PSC, Maristela Zanotto defende escolas cívico-militares

Perfil

Natural de Paraí, Maristela Zanotto tem 59 anos e é comerciante do ramo calçadista há 35 anos. Também atua como palestrante motivacional. Depois de desistir de seguir a vida religiosa, começou sua trajetória como vendedora ambulante, diretamente nas residências de Caxias do Sul.

Hoje é proprietária da Stella Calçados, com lojas em São Gabriel, Caçapava do Sul, São Sepé e Cachoeira. Presidiu a CDL de Caçapava do Sul, município onde reside atualmente, por duas gestões.

Maristela foi uma das fundadoras do PTB no Rio Grande do Sul, na época liderado pelo senador Sérgio Zambiasi. Agora, concorre pela primeira vez a um cargo eletivo. A candidata do PSC ao Senado tem como suplentes Eliane Dalacosta Cerbaro e Divina Maria Pacheco.

seus concorrentes?

Maristela - O Mourão, acho um cavalheiro, um homem educado, de postura, como acho a Ana Amélia uma mulher fantástica, e o Olívio Dutra. Vou citar os três porque são muito respeitosos, então não vejo concorrência. Claro, me entristece quando vejo o número dos fundos partidários de vários desses senadores, e a Maristela vai para a mesma esfera sem dinheiro. Afinal de contas, sou uma contribuinte, pago meus impostos, gero renda, e, na hora que coloco uma candidatura, não sou beneficiada.

JC - O PSC optou pela neutralidade em relação às candidaturas ao Planalto. Qual sua opção?

Maristela - Eu diria que a maioria de nós do PSC apoia (Jair) Bolsonaro (PL). (O problema) é que temos muitas questões que o partido negocia. Mas quero te falar da Maristela que já votou no (Luiz Inácio) Lula (da Silva, PT) lá atrás, mas não votaria hoje. Tenho muito medo do que viria a acontecer se não fosse o Bolsonaro, por isso ergo minha voz, subo em palanque, sem medo. No PSC, 90% apoiam Bolsonaro.

JC - Chegando ao Senado, quais serão as prioridades?

Maristela - Quero ser uma senadora municipalista, quero cons-



Quero ser uma senadora municipalista, quero construir pontes para o Rio Grande resgatar sua grandeza

truir pontes para que o Rio Grande venha a resgatar sua história de grandeza. Somos o celeiro do Brasil. Uma das bandeiras é a Metade Sul, para que se desenvolva no ritmo de outras regiões pujantes. Nossos jovens da Metade Sul estão indo embora porque eles não têm oportunidade de emprego. Quero olhar com muito carinho para o emprego, para o desenvolvimento e para que haja uma desburocratização. Sabemos que tem gente que gostaria de investir aqui, mas a burocracia, as leis, a Fepam, são entraves. Eu gostaria que cada político tivesse um dia aberto um CNPJ, que tivesse liderado pessoas, que soubesse o que é pagar um imposto. Teriam uma visão muito diferente.

JC - O Regime de Recuperação Fiscal imporá uma série de limites. Acredita que, com o esse plano, será possível fazer e atrair investimentos?

Maristela - Tudo é possível desde que haja diálogo. O que vejo é uma disputa de egos, de poderes, de promessas, e com isso vão ganhando a eleição. Me cercaria de pessoas que entendam do que precisamos fazer para que atrair indústrias, para que elas gerem empregos. Essa dívida nos engessa muito, está impagável. Temos que dialogar, mostrar ao governo que já foi paga, porque, com juros a 6% ao ano, já pagamos inúmeras vezes.

JC - Na educação, o que está faltando no RS?

Maristela - Sou encantada com o governo de Minas Gerais. O (governador Romeu) Zema (Novo) está implantando lá escolas cívico-militares. A educação precisa passar por uma reestruturação. Acho que o grande modelo seriam essas escolas, locais onde resgataríamos o respeito, a ordem, a disciplina.

JC - Esse modelo poderia resgatar a qualidade de ensino?

Maristela - Por que não conseguimos dar qualidade ao ensino? Porque (os alunos) não têm responsabilidade, não estão prestando atenção, todo aprendizado fica diminuído. Mudaríamos muito porque a educação está lincada à responsabilidade.